

“Cura” pentecostal e neopentecostal: Experiências de lésbicas, gays e bissexuais no norte do Brasil

Pentecostal and neo-pentecostal “gay cure”: experiences of lesbian, gay, and bisexual individuals in northern Brazil

“Curación” pentecostal y neopentecostal: Experiencias de lesbianas, gays y bissexuales en el norte de Brasil

« Guérison » pentecôtiste et néo-pentecôtiste: Expériences des lesbiennes, des gays et des bissexuels dans le nord du Brésil

 10.5020/23590777.rs.v25i2.e15006

Ana Paula Pereira Nabero  

: Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atualmente é mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas.

Ronaldo Braga Dantas Filho  

Psicólogo graduado pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Mestre em Psicologia (Processos Psicológicos e Saúde) pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (PPGSI) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Atua como Psicólogo Clínico com enfoque em Terapia Cognitivo-Comportamental.

Maria Eduarda Delduque Pereira  

Doutoranda em Processos Psicológicos e Saúde pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Amazonas (PPGSI/UFAM). Mestre em Psicologia (UFAM). Pós-graduada em Psicologia na Saúde Pública (IEAPS). Bacharela em Psicologia (UFAM). Atualmente é professora universitária na Faculdade Metropolitana de Manaus (Fametro). É pesquisadora discente do Laboratório de Psicologia, Saúde e Sociedade na Amazônia (LAPSAM), onde desenvolve pesquisas sobre bissexualidades e cuidado em saúde no território amazônico.

Breno de Oliveira Ferreira  

Psicólogo e pedagogo sanitarista com doutorado em Saúde Coletiva pelo Instituto Fernandes Figueira da Fundação Oswaldo Cruz (2019). Mestre em Ciências e Saúde pela Universidade Federal do Piauí (2016). Especialista em Saúde da Família pelo Centro Universitário Internacional (2014), em Psicologia da Educação pela Universidade Estadual do Maranhão (2016) e Educação em Direitos Humanos pela Unifesp (2022). Atualmente é professor-pesquisador efetivo da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), vinculado à Faculdade de Psicologia em Manaus, e aprovado em concurso na área de Saúde Coletiva.

Resumo

“Cura gay” é como ficou popularmente conhecido o Projeto de Decreto Legislativo (PDC) 234/11, que buscava sustar trechos da Resolução 01/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP), a qual veda aos/as psicólogos/as a oferta de “tratamentos” ou “cura” para as homossexualidades. Apesar das contestações, a Resolução continua em vigor e o CFP permanece fazendo publicações em defesa da diversidade sexual e de gênero. Mesmo com a proibição de terapias de reorientação sexual, essas práticas ainda ocorrem no Brasil por meio de conversões religiosas, com destaque para as igrejas evangélicas pentecostais e neopentecostais. A esse fenômeno, denominamos “cura gay” religiosa, e, através de um estudo qualitativo, descritivo e exploratório, investigamos como essa prática se apresenta no Norte do Brasil. Buscamos compreender os desfechos e efeitos emergentes nas experiências narradas por oito jovens autoidentificados como lésbicas, gays ou bissexuais. Inspiramo-nos nos pressupostos de Michel Foucault (2004, 2014) sobre o dispositivo da sexualidade e subjetivação e, por meio da Análise Temática de Braun e Clarke (2006), foram construídas cinco dimensões centrais de discussão:

construção de verdades, produção de sexualidade, tentativas de cura, resistências e efeitos na saúde mental. Os resultados revelaram estruturas institucionais e relações de poder que reforçam uma heterossexualidade compulsória e reverberam negativamente na saúde mental e no processo de construção de si, indicando a importância de que profissionais estejam atentos/as às diferentes formas de produção das sexualidades ao longo da história e às implicações éticas e políticas envolvidas na atuação diante das existências dissidentes.

Palavras-chave: sexualidade, religião, cura gay, evangélicos, Psicologia.

Abstract

“Gay cure” is the term popularly used to refer to Legislative Decree Bill (PDL for short, in Portuguese) 234/11, which sought to repeal portions of Resolution 01/99 of the Brazilian Federal Council of Psychology (CFP for short, in Portuguese). Resolution 01/99 prohibits psychologists from offering “treatments” or “cures” for homosexuality. Despite challenges, the resolution remains in force, and the CFP continues to publish materials in defense of sexual and gender diversity. Even with the prohibition of sexual reorientation therapies, such practices still occur in Brazil through religious conversion efforts, particularly within Pentecostal and Neo-Pentecostal evangelical churches. We refer to this phenomenon as religious “gay cure” and, through a qualitative, descriptive, and exploratory study, investigated how it manifests in Northern Brazil. We sought to understand the outcomes and effects emerging from the experiences narrated by eight young individuals who self-identified as lesbian, gay, or bisexual. The study was grounded in Michel Foucault’s (2004, 2014) assumptions regarding the dispositif of sexuality and subjectivation. Using Thematic Analysis as proposed by Braun and Clarke (2006), five central dimensions of discussion were identified: construction of truths, production of sexuality, attempts at cure, forms of resistance, and effects on mental health. The findings revealed institutional structures and power relations that reinforce compulsory heterosexuality and negatively affect mental health and processes of self-construction, highlighting the importance of professionals’ attentiveness to the diverse ways sexualities have been produced throughout history and to the ethical and political implications involved in professional practice when addressing dissident forms of existence.

Keywords: sexuality, religion, gay healing, evangelicals, psychology.

Resumen

“Curación gay” es la denominación popular del Proyecto de Decreto Legislativo (PDL) 234/11, que pretendía suspender fragmentos de la Resolución 01/99 del Consejo Federal de Psicología (CFP), la cual prohíbe a los/las psicólogos/as ofrecer “tratamientos” o “curas” para las homosexualidades. A pesar de las impugnaciones, la Resolución continúa vigente y el CFP sigue publicando posicionamientos en defensa de la diversidad sexual y de género. No obstante, la prohibición de las terapias de reorientación sexual, dichas prácticas aún se producen en Brasil a través de conversiones religiosas, con especial énfasis en las iglesias evangélicas pentecostales y neopentecostales. A este fenómeno lo denominamos “curación gay” religiosa y, mediante un estudio cualitativo, descriptivo y exploratorio, investigamos cómo se manifiesta esta práctica en el Norte de Brasil. Buscamos comprender los desenlaces y efectos emergentes en las experiencias narradas por ocho jóvenes autoidentificados/as como lesbianas, gays o bisexuales. Nos apoyamos en los presupuestos de Michel Foucault (2004, 2014) sobre el dispositivo de la sexualidad y la subjetivación y, a través del Análisis Temático de Braun y Clarke (2006), se construyeron cinco dimensiones centrales de discusión: construcción de verdades, producción de la sexualidad, intentos de curación, resistencias y efectos en la salud mental. Los resultados revelaron estructuras institucionales y relaciones de poder que refuerzan una heterossexualidad compulsoria y repercuten negativamente en la salud mental y en el proceso de construcción de sí, lo que señala la importancia de que los/las profesionales estén atentos/as a las distintas formas de producción de las sexualidades a lo largo de la historia y a las implicaciones éticas y políticas involucradas en la actuación frente a las existencias disidentes.

Palabras clave: sexualidad, religión, curación gay, evangélicos, Psicología.

Résumé

La « cura gay » est le nom populairement donné au Projet de Décret Législatif (PDC) 234/11, qui visait à suspendre certains passages de la Résolution 01/99 du Conseil Fédéral de Psychologie (CFP), laquelle interdit aux psychologues de proposer des « traitements » ou une « guérison » pour les homosexualités. Malgré les contestations, la Résolution demeure en vigueur et le CFP continue de publier des articles en défense de la diversité sexuelle et de genre. Bien que les thérapies de réorientation sexuelle soient interdites, ces pratiques persistent au Brésil à travers des conversions religieuses, notamment au sein des églises évangéliques pentecôtistes et néo-pentecôtistes. Nous appelons ce phénomène « cura gay » religieuse et, à travers une étude qualitative, descriptive et exploratoire, nous avons étudié la manière dont cette pratique se manifeste dans le Nord du Brésil. Nous cherchons à comprendre les issues et les effets émergents dans les expériences relatées par huit jeunes auto-identifiés comme lesbiennes, gays ou bisexuels. Nous nous sommes inspirés des postulats de Michel Foucault (2004, 2014) concernant le dispositif de la sexualité et la subjectivation et, à travers l’analyse thématique de Braun et

Clarke (2006), cinq dimensions centrales de discussion ont été élaborées : construction des vérités, production de la sexualité, tentatives de guérison, résistances et effets sur la santé mentale. Les résultats ont mis en évidence des structures institutionnelles et des rapports de pouvoir qui renforcent une hétérosexualité obligatoire et ont des répercussions négatives sur la santé mentale ainsi que sur le processus de construction de soi. Ils soulignent l'importance pour les professionnel-le-s de rester attentif-ve-s aux diverses modalités de production des sexualités au fil de l'histoire, ainsi qu'aux implications éthiques et politiques inhérentes à l'intervention auprès des existences dissidentes.

Mots-clés : *sexualité, religion, cura gay, évangélicas, Psychologie.*

No Brasil, desde 1999, a oferta de “tratamento” e “cura” para as homossexualidades, lesbianidades e bissexualidades é vedada às práticas da psicologia, conforme a Resolução nº 01/99 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1999). Contudo, desde a sua implementação, atores sociais declarados religiosos, sobretudo evangélicos pentecostais e neopentecostais, movimentaram ações legislativas buscando promover tentativas de “reorientação” sexual através de psicoterapias. Dentre essas ações, o Projeto de Decreto Legislativo - PDC 234/11 (Projeto de Decreto Legislativo nº 234, 2011) gerou comoção na mídia, tornou-se conhecido e popularmente denominado como Projeto da “Cura Gay” (CFP, 1999; Gonçalves, 2019).

Esse fenômeno não se encerra em disputas públicas e desenrola-se fortemente em campos micropolíticos, como no interior de instituições religiosas e no cotidiano da vida daqueles/as que congregam dos mesmos ensinamentos. Para Macedo (2017), além das disputas em torno da legalização das práticas psicológicas no contexto das orientações sexuais, ocorrem tentativas de “reorientação” sexual através de conversão religiosa em igrejas pentecostais e neopentecostais, aqui denominado de fenômeno da “cura gay” religiosa.

Almeida (2021) afirma sobre a existência de inúmeras matrizes pentecostais no Brasil, com diversas perspectivas teológicas e institucionais. Apesar dessa diversidade, as fronteiras vêm se diluindo e tornando doutrinas, teologias e rituais cada vez mais similares entre as dezenas de denominações evangélicas existentes atualmente (Cunha, 2008).

O fenômeno da “cura” aparece como central nas teologias pentecostais e neopentecostais, reiterando sua singularidade divina. Mariano (2004) destaca que essas vertentes buscam atender às necessidades físicas e/ou psicológicas de seus fiéis, através da adequação às prescrições religiosas. Nessa perspectiva, as homossexualidades, lesbianidades e bissexualidades são concebidas como um desvirtuamento dos valores morais cristãos, tratadas a partir de uma lógica patologizante, além de influências ou possessões por espíritos malignos. Para alcançar a “cura” proposta pela religião, há o incentivo ao abandono da orientação sexual através da aceitação de Deus e conversão aos ensinamentos propagados (Natividade, 2006; Garcia & Mattos, 2019; Mesquita & Peruchi, 2016).

Entender as orientações sexuais não normativas a partir de patologias emerge de uma versão superada da ciência médico-psicológica que atuava em uma lógica heteronormativa, estabelecendo um padrão ou norma a serem seguidos (Alves & Assunção, 2022). Na atualidade, o consenso científico acerca da diversidade sexual e de gênero pauta-se em uma perspectiva crítica sobre o contexto sócio-histórico, político e cultural, em detrimento de visões essencialistas que funcionam em uma lógica de naturalização dessas identidades (Kahhale, 2011; CFP, 1999, 2023).

Por outro lado, a possibilidade de se oferecer “reorientação” sexual através de “cura” religiosa segue ocorrendo. Através de instituições pentecostais e neopentecostais, lésbicas, gays e bissexuais são aconselhados a “reverter” suas orientações sexuais, submetidos a rituais de limpeza, exorcismos, ministrações e/ou ações que busquem libertá-los/as do desvirtuamento do caminho de Deus (Alves & Assunção, 2022; Natividade & Oliveira, 2013).

Esse fenômeno ocorre em um cenário no qual a religião evangélica se apresenta em crescente expansão no Brasil. Os dados do último Censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontaram para um aumento na população de evangélicos, saltando de 21,6%, em 2010, para 26,9%, em 2022, o equivalente a mais de 47 milhões de pessoas (IBGE, 2022). A região Norte segue essa mesma crescente e apresentou o maior percentual (39%) de evangélicos dentre a população brasileira (Balloussier, 2020). Além disso, a região se apresenta como histórica no pentecostalismo, sendo Belém uma das cidades pioneiras a abrigar a Igreja Assembleia de Deus, criada em 1911 (Costa, 2021).

É preciso salientar que os efeitos da ascensão evangélica pentecostal e neopentecostal são gradativos e dispersos, e a influência das lideranças religiosas sobre seus fiéis é heterogênea. Existem distinções entre os posicionamentos dos líderes religiosos e os posicionamentos de seus seguidores, e as generalizações devem ser cuidadosamente analisadas. Investigar esses efeitos, no entanto, faz-se relevante socialmente e cientificamente, já que as igrejas são capazes de atuar de forma a circunscrever os modos de produção de subjetividades em consonância aos seus dogmas (Casarões, 2020; Valério, 2004).

Souza e Souza (2020) demonstraram que lésbicas, gays e bissexuais socializados em ambientes religiosos que desaprovam suas orientações sexuais experimentam dilemas e tensões sobre suas expressões no mundo. Em famílias conservadoras religiosas, encontram-se menores níveis de aceitação, podendo culminar em rejeição, violências e até mesmo expulsão do círculo familiar (Campos & Guerra, 2016; Frazão & Rosário, 2008). Ademais, as experiências vão além da categoria

orientação sexual e a perspectiva interseccional permite uma compreensão das diferentes dimensões que atravessam os corpos e seus marcadores sociais (CFP, 2023).

Assim, este estudo buscou investigar como a “cura gay” religiosa se apresentou nas experiências de lésbicas, gays e bissexuais no Norte do Brasil, com os objetivos de identificar os efeitos do discurso religioso neopentecostal na produção de subjetividades; conhecer eventos atravessados pelo discurso religioso nas trajetórias de vida das pessoas entrevistadas; e compreender as relações de saber, poder e subjetivação envolvidas nesse processo. Para tanto, inspirados nos pressupostos de Michel Foucault (2004, 2014), partimos de um olhar das sexualidades enquanto produção de um complexo dispositivo, que, através de relações de saber-poder, atravessam os corpos, inscrevem-se neles e fornecem diferentes modos de subjetivação. Nesse bojo, elaboramos também uma análise fundamentada no dispositivo da sexualidade, cujo enredo temático das experiências revelou cinco dimensões centrais: 1) Construção de verdades para controle dos corpos; 2) Produção de sexualidade; 3) Tentativas de “cura”; 4) Resistências; e 5) Efeitos na saúde mental.

Método

Trata-se de um estudo qualitativo, de cunho descritivo e exploratório. Participaram oito jovens autoidentificados/as, como lésbicas, gays ou bissexuais, com idades entre 21 a 27 anos, residentes da região Norte do Brasil e que vivenciaram experiências de “cura gay” religiosa em espaços ou instituições pentecostais e neopentecostais.

O recrutamento dos participantes foi realizado através de redes sociais, como *X (Twitter)* e *Instagram*, em que foram compartilhadas postagens apresentando a pesquisa, os critérios de inclusão e, por fim, um *link* de acesso a um formulário na plataforma *Google Forms* para a disponibilização de contato. Devido à natureza da pesquisa qualitativa, o número de participantes não foi calculado com base em critérios probabilísticos, priorizando-se o aprofundamento, a abrangência e a diversidade do processo de compreensão das histórias (Minayo, 2017). Assim, adotou-se o critério de saturação teórica, e as entrevistas foram cessadas quando os dados passaram a apresentar elevada repetição para o alcance dos objetivos.

Além da sua utilização no processo de triagem das pessoas entrevistadas, o formulário on-line também abrigou um questionário socioeconômico com o objetivo de identificar dados acerca da orientação sexual, identidade de gênero, idade, estado, raça/cor, classe social e as instituições religiosas frequentadas. Para a realização das entrevistas semiestruturadas, foi desenvolvido um roteiro de perguntas previamente definidas, que viabilizou a construção de questionamentos abertos que possibilitaram aos/às colaboradores/as discorrer sobre os temas sugeridos. Além disso, proporcionou-se também a oportunidade de adicionar outros questionamentos de acordo com a necessidade identificada (Minayo, 2010).

As entrevistas foram realizadas remotamente através da plataforma *Google Meet* e tiveram duração média de uma hora e meia. Os conteúdos foram gravados e transcritos na íntegra, e o material submetido à Análise Temática (AT), conforme proposta por Braun e Clarke (2006). Esse tipo de análise permite identificar similaridades nos dados coletados, selecionando temas que ajudam na compreensão do fenômeno em estudo. Os passos analíticos seguidos foram: 1) familiarização com os dados; 2) criação de códigos iniciais; 3) pesquisa de temas, identificando e organizando os temas e subtemas; 4) revisão dos temas; 5) definição e nomeação dos temas; e 6) produção do relatório final. Os dados coletados foram interpretados com inspiração nos conceitos de dispositivo da sexualidade e subjetivação de Michel Foucault (2004, 2012).

A pesquisa seguiu os preceitos éticos necessários e foi aprovada pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CEP) através do Parecer nº 5.531.587. As próprias pessoas entrevistadas escolheram nomes fictícios com o intuito de proporcionar liberdade e resguardar o sigilo. Para além das exigências do CEP, tivemos compromisso ético com as experiências narradas e as interpretações feitas sobre elas, entendendo não ser possível isolar o conhecimento produzido de nossas próprias implicações enquanto pesquisadores (Minayo & Guerriero, 2014), que se relacionam com essa temática cientificamente, politicamente e afetivamente enquanto pessoas LGBTI+ residentes no Norte do Brasil.

Resultados e Discussão

Inicialmente, apresentamos os/as colaboradores/as que, em uma ação fundamental, compartilharam suas experiências para a realização deste estudo. As principais características dos/das jovens foram representadas pela Tabela 1.

Tabela 1

Apresentação dos/das colaboradores/as

Nome	Idade	Gênero	Orientação sexual	Cor	Classe social	Igreja
Vinicius	24	Masculino	Bissexual	Branco	Média	Assembleia de Deus (Pentecostal)
Lúcia	24	Feminino	Bissexual	Branca	Média	Assembleia de Deus (Pentecostal)
Juliana	21	Feminino	Bissexual	Branca	Média	Assembleia de Deus (Pentecostal)
Letícia	25	Feminino	Homossexual	Preta	Média	Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Madureira (Neopentecostal)
Anieli	27	Feminino	Homossexual	Parda	Média	Igreja Quadrangular, Igreja Comunidade Evangélica Assembleia de Cristo, Igreja Ministério Internacional do Avivamento (Pentecostal)
Suelen	27	Feminino	Bissexual	Parda	Média Baixa	Assembleia de Deus (Pentecostal) Universal do Reino de Deus (Neopentecostal)
Carol	22	Feminino	Bissexual	Parda	Média Baixa	Congregação Cristão do Brasil (Pentecostal)
Lucas	27	Masculino	Homossexual	Preto	Baixa	Igreja de Deus Pentecostal do Brasil (Pentecostal)

Vinicius e Lúcia cresceram em famílias que exerciam a religião católica de maneira assídua. Ambos tiveram contato com o meio evangélico pentecostal/neopentecostal através de membros de sua família extensa (e.g. avós/ôs, tios/as, primos/as) que frequentavam a Assembleia de Deus. Não estiveram profundamente envolvidos em instituições evangélicas, porém experienciaram fortemente tentativas de “cura gay” religiosa através de seus familiares convertidos.

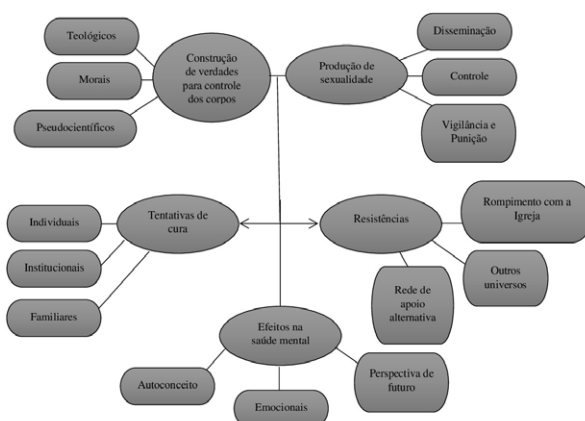
Juliana, Anieli, Suelen, Letícia e Carol cresceram em famílias devotas da religião evangélica pentecostal e/ou neopentecostal. Elas estiveram imersas nas instituições religiosas desde a infância, envolvidas profundamente em seu funcionamento teológico e institucional. Lucas é o único que não conheceu a religião através de sua família, mas através de uma vizinha que frequentava a igreja. No entanto, assim como as demais colaboradoras, também esteve inserido e engajado nesse espaço desde a infância.

Dois cenários principais foram identificados como espaços de “conversão” dos/das colaboradores/as: as igrejas e seus entornos e a família e suas relações – que forjam o dispositivo da sexualidade. Investigamos essas experiências a partir de três dimensões: os domínios de saber aos quais se referem; os sistemas de poder que regulam suas práticas; e as formas de subjetivação por meio das quais os/as colaboradores/as deste estudo se constituem como sujeitos. As práticas institucionais estão inseridas em uma proposta coletiva de processos de subjetivações pentecostais e neopentecostais (Ferreira, 2017).

A Figura 1 ilustra os temas e subtemas de análise e representa como a experiência de “cura gay” religiosa se apresentou para os/as colaboradores/as. É importante pontuar que nas trajetórias das pessoas entrevistadas, essas situações ocorreram de maneira imbricada e os seus efeitos foram vividos simultaneamente. Assim, o mapa possui finalidade de refinar a leitura da análise, uma vez que busca elucidar de maneira sinóptica a complexa rede que compõe o fenômeno, inserida no conceito do dispositivo da sexualidade. No primeiro tópico – *Construção de verdades para controle dos corpos*, identificamos subtemas comuns acerca dos dogmas relativos à compreensão pentecostal e neopentecostal da diversidade sexual.

Figura 1

Mapa conceitual dos temas e subtemas envolvidos na experiência de “cura gay” religiosa dos/das colaboradores/as do estudo.



Construção de verdades para controle dos corpos

A construção de verdades para controle dos corpos é camuflada nestes ambientes como ensinamentos religiosos e trata de saberes pentecostais e neopentecostais que, através de relações específicas de poder, entrelaçaram-se às experiências dos/as colaboradores/as de diferentes formas. Identificamos preceitos das seguintes ordens:

1) Teológicos

O pastor dizia: Os piores pecados do mundo são matar alguém e se relacionar homem com homem (Letícia). / Na igreja, a gente aprende que ser gay é estar com o demônio no corpo (Suellen) / (...) se você sentisse vontade não deveria fazer, você devia reprimir isso (Carolina).

2) Morais

Homossexualidade era coisa de gente suja, de gente que gostava de safadeza (Suellen). /Ser homossexual está no mesmo nível de ser um estuprador ou um assassino (Letícia).

3) Pseudocientíficos

Eles condicionavam isso ao fato de eu não ter um bom relacionamento com o meu pai (...) (Lucas). / Gays eram gays por causa da próstata, a próstata produzia um hormônio que fazia eles gostarem e se viciarem nisso (Anieli). / (...) falam em “homossexualismo” para remeter à doença (Juliana).

Sob um viés teológico, as homossexualidades dos/as colaboradores/as foram concebidas como “pecado” e “ação demoníaca”, sendo necessária a conversão religiosa para libertação, conforme apontam Letícia, Suellen e Carolina. Para Dias (2019) e Machado e Piccolo (2010), a noção das homossexualidades enquanto pecado se apresenta como característica comum às diferentes vertentes religiosas cristãs.

Já a compreensão das homossexualidades enquanto manifestação demoníaca, conforme trouxe Suellen, refere-se a teologias específicas das vertentes evangélica pentecostal e neopentecostal, em específico, a Teologia da Batalha Espiritual. Segundo Natividade (2006), Deus e o diabo travam uma batalha espiritual pelo controle da humanidade, em que o corpo do fiel é objeto de disputa e o “crente” deve se juntar a Deus, repreendendo as manifestações do diabo em plano terrestre. As homossexualidades, nessa visão, representam prazeres mundanos e denunciam a presença de demônios no corpo daquele fiel que apresenta desejos afetivo-sexuais “inadequados” (Fátima, 2018).

Os/as colaboradores/as também revelaram perspectivas morais ditas pelos líderes religiosos acerca de suas orientações sexuais, categorizando-as enquanto “imoralidade” e “safadeza”, e equiparando-as a condutas criminosas, conforme os relatos de Letícia e Suellen. Ainda, os ensinamentos religiosos presentes nas experiências narradas reforçavam a lógica de patologização das orientações sexuais dissidentes, o que também foi apontado nos estudos de Garcia e Mattos (2019) e Gama (2019).

Percebeu-se que os líderes religiosos associavam explicações pseudocientíficas à gênese das homossexualidades. Referiam-se a relações patológicas entre pais e filhos na infância ou a explicações biológicas, como vícios, doenças e compulsões. Segundo Macedo (2017), discursos endossados pelas ciências psi (psicologia, psicanálise e psiquiatria) são capturados pelo debate religioso a fim de reforçar os interditos e apagamentos da dissidência. Em suma, na medida em que esse discurso permite a existência apenas daquilo que é considerado verdadeiro, impõe a adequação e anula diversidades, promovendo exclusões simbólicas e materiais (Portella, 2007).

Enquanto “verdades”, esses ensinamentos carregam consigo uma dimensão de poder associada, produzindo normas, limitações e regulações que perpetuam as relações de poder capazes de controlar e regular os corpos (Foucault, 1999). No tópico seguinte, discutiremos acerca da organização institucional e das relações de poder capazes de produzir sexualidades a partir desses ensinamentos religiosos.

Produção de Sexualidades

As instituições religiosas encontram-se inseridas na complexa rede que compõe o dispositivo da sexualidade e são capazes de produzir sujeitos e sexualidades sob controle de seus códigos e estratégias (Valério, 2004). Nas experiências compartilhadas, identificamos a produção de sexualidades em consonância com os ensinamentos religiosos supracitados, representados pelos subtemas: 1) disseminação; 2) controle; e 3) vigilância e punição.

1) Disseminação

Se eu fosse contar todas as vezes que ouvi falarem de homossexualidades passaria a tarde toda aqui (Juliana). / Eu lia livros que explicavam a visão deles sobre o homossexualismo e como o demônio age no corpo da pessoa (Suellen). / Fui em um acampamento de jovens e em um congresso que eles ficavam falando muito sobre sexualidade... (Anieli).

2) Controle

Não podia faltar nos eventos da igreja, nem se tivessem eventos de família (Juliana). / Eu fazia muito esforço para comparecer aos retiros e eventos da igreja (Letícia).

3) Vigilância e Punição

Nos eventos tinha sempre uma moça me vigiando e contando o que eu fazia para minha discipuladora (Anieli). / Se

eu fizesse algo errado, eu me sentia muito mal e sentia a necessidade de contar pra minha liderança (Carol). / A pastora me chamou e disse se você não parar vou pedir pra você sair da Igreja, não vai ter como sustentar aqui pessoas homossexuais (Letícia). / Todo mundo deduzia minha sexualidade, por que não era mais o líder do teatro (...) era uma coisa que eu amava, e eu senti o peso de ser tirado de mim (Lucas).

Com base nos relatos, depreende-se que o pano de fundo das relações entre os líderes religiosos e as/os colaboradoras engloba discursos, instituições, leis e enunciados científicos e morais que se articulam em rede para produzir sujeitos e sexualidades. Conforme Foucault (2014), são as instituições socialmente autorizadas, como as científicas, religiosas e/ou jurídicas que produzem normativas, disseminam “verdades” e disciplinam condutas a partir de relações de saber-poder ao longo da história, ao que o autor denomina poder disciplinar.

Segundo a leitura de Costa (2007), o poder disciplinar do qual fala Foucault é um continuador do poder pastoral, que parte da figura de um líder (em específico, o pastor) que conduz seu rebanho, com o objetivo de instituir um modelo de subjetividade a partir do controle individual dos corpos. Em consonância com as experiências de Anieli, Carol, Letícia e Lucas, observa-se uma lógica de funcionamento desse poder, em que ao líder é conferida a autoridade de determinar onde os fiéis devem andar, guiando-os para a salvação. Por interceder pela figura de Deus, nessa ótica, entende-se que “só o pastor sabe o caminho da salvação de suas ovelhas, por isso as conduz” (Costa, 2007, p. 87).

A disseminação dos ensinamentos religiosos que pautam as orientações sexuais não normativas – como pecado, possessão, doença e imoralidade – ocorrem através de atividades religiosas e veículos de comunicação que compartilham os dogmas da igreja evangélica. A partir de pregações, canais de televisão, literatura gospel, retiros e congressos espirituais, os ensinamentos eram propagados, conforme os relatos de Suellen, Juliana e Anielli. Nesse cenário, a estruturação desses eventos e a tentativa de docilização dos corpos também revelam mostras das relações de poder disciplinar e pastoral (Foucault, 1987).

Foi pontuada a necessidade de isolamento dos/as jovens – em acampamentos, retiros e imersões –, além de uma divisão em grupos distintos, seguindo uma lógica binária, a fim de ensinar o que é ser homem ou mulher a partir dos preceitos cristãos pentecostais e neopentecostais. Para Foucault (1987), o poder disciplinar existe nessas relações na medida em que organiza o espaço através de uma repartição de indivíduos e controla a atividade através da disponibilidade do tempo. Alves e Assunção (2022) explicam que é comum a tática de controle do tempo em igrejas evangélicas, cujo objetivo é fazer com que os jovens fiquem distante de tudo que é considerado “imoral”.

Outra tecnologia de poder disciplinar que permeia as experiências dos/as colaboradores/as dentro das instituições religiosas é a constante vigilância, que incide sobre os corpos das pessoas, controlando seus gestos, suas atividades, suas aprendizagens e suas vidas cotidianas (Foucault, 1987). Para Letícia, as roupas eram o artefato principal de controle e vigilância, já para Lucas, os gestos e entonações de voz considerados afeminados eram apontados e fortemente repreendidos. Ao não cumprirem as regras heteronormativas condizentes com a religião, passaram a sofrer advertências e exclusões, como a demissão de cargos ocupados na instituição religiosa, conforme relatado por Lucas.

Para Foucault (1987), de acordo com a lógica pastoral, a punição e a vigilância são mecanismos utilizados para docilizar e adestrar as pessoas para que se adequem às normas das instituições. O poder disciplinar exerce controle sobre os corpos, apagando as diferenças e enquadrando-os dentro de um modelo social. As sanções impõem regras e micropenalidades de diferentes ordens: do tempo (atrasos, ausências, interrupções das tarefas), da atividade (desatenção, negligência, falta de zelo), dos discursos (tagarelice, insolência), do corpo (atitudes incorretas, gestos não conformes, sujeira) e da sexualidade (imodéstia, indecência).

Esse poder não se baseia na violência ou na coação direta, mas na forma como as pessoas são governadas através de práticas disciplinares, que têm como objetivo conduzir e orientar. É uma forma de autoridade sutil e invisível que funciona através de tecnologias como práticas de confissão, aconselhamento, catequese e pregação, que buscam moldar o comportamento dos fiéis de acordo com os princípios da instituição religiosa (Barros, 2020; Valério, 2004). Os fiéis deviam incorporar a vigilância nos processos de exame de consciência, confessar os pecados e aderir aos conselhos de suas lideranças, marcando a manutenção das relações de poder, conforme os relatos. Nesse sentido, Foucault (1999) afirma que o poder não se concentra em um único ponto ou pessoa, mas se distribui pelas relações sociais e incorpora-se em práticas e discursos cotidianos.

O poder está presente em todas as esferas sociais, é construído e mantido através de um conjunto de práticas que moldam subjetividades, comportamentos e formas de pensar. Para Ferreira (2017), um dos efeitos do poder é a própria subjetividade, produzida e modificada ao longo do tempo por diferentes formas de poder, que operam desde a contínua vigilância até a internalização de práticas e valores comuns, além de assujeitamentos ou resistências nas tentativas de “cura” religiosa, conforme adentraremos a seguir.

Tentativas de “Cura”

No confronto com os ensinamentos religiosos sobre as sexualidades, rigidamente repassados aos colaboradores/as, houve diferentes formas de tentar “libertar-se” ou “curar-se” de desejos homoafetivos. As tentativas de adequação às normas estabelecidas pela igreja – ou “cura” – deram origem aos subtemas: 1) individuais; 2) institucionais; e 3) familiares.

1) Individuais

Eu jejuava, orava, procurava viver em santidade. Eu tentava fazer tudo certinho e o demônio não saía (Suellen). / A gente foi ensinada a fazer jejum e oração pra conseguir o que a gente quer, então pensei em deixar de gostar de mulher desse jeito (Letícia).

2) Institucionais

Foi colocado que eu tinha um problema e que eu precisava tratar isso (...) passei pelo processo de ministração que somente depois entendi que era essa “cura gay” (Lucas). / Ela colocou a mão na minha testa e começou a orar dizendo: eu repreendo todo o espírito do homossexualismo, todo espírito de prostituição (Letícia).

3) Familiares

Minha família se juntava pra fazer campanha com meu nome, iam pra igreja fazer isso (...) pra tirar o demônio da minha vida. Foram pra minha casa sem eu querer e essa missionária chegou a me bater pra tirar os demônios e quebrar correntes (Anieli). / Meu tio tentou me convencer que eu poderia me converter e deixar de ser bissexual (Lúcia).

Ao introjetarem os ensinamentos encontrados na igreja, os/as colaboradores/as subjetivaram-se em processos de assujeitamentos. As tentativas de “cura” individuais ocorreram a partir da realização de ritos religiosos e autovigilância, em que houve a busca por libertar-se de desejos homoafetivos através de orações, jejuns e isolamento das relações sociais externas à igreja, como explicitado por Suellen e Letícia. Realizavam também exames de consciência, como vigiar os pensamentos, para controlar desejos. Esses relatos denotaram que os/as colaboradores/as internalizaram as normas impostas através do poder pastoral e disciplinar, em que, por meio de técnicas de disciplina específicas, moldam-se subjetividades e identidades assujeitadas (Barros, 2020; Costa, 2007; Foucault, 1987, 2014).

Tal internalização não foi apenas imposta pelas lideranças religiosas, mas também exercida de forma autônoma. Costa et al. (2018) referem que a exposição aos eventos negativos, bem como ao controle que dita que ser homossexual é errado ou pecado, leva a comportamentos lesivos e à busca por “reorientação” sexual como fuga do sofrimento.

Dentre as tentativas de cura institucional, Lucas foi o único colaborador a pedir “voluntariamente” ajuda de suas lideranças para lidar com seus desejos homoafetivos, o que o fez passar por um processo denominado “ministração”. Na experiência de Lucas, de uma a duas vezes na semana e em um momento de intimidade com Deus, seu líder religioso unia leituras bíblicas, ensinamentos morais e pseudocientíficos para explicar a gênese de sua homossexualidade. Além disso, também era imposto o regime de jejum e orações para atingir a “cura”. Letícia e Anieli não solicitaram intervenção dos líderes ao se depararem com seus desejos homoafetivos, mas foram igualmente submetidas a tentativas de “cura” e “libertação”, inclusive por meio de ritos como práticas de exorcismo, que continham agressões físicas.

Segundo Gonçalves (2019), a “cura gay” religiosa é apresentada publicamente por seus adeptos como prática de “liberdade” para os jovens que desejam voluntariamente “abandonar” as homossexualidades. No entanto, observamos através dessas experiências uma estrutura que funciona sob a norma da heterossexualidade compulsória, conceito presente no pensamento de Judith Butler (1990) e Adrienne Rich (2012), que trata dessa imposição como uma instituição política que assujeita os corpos que não se enquadram na heterossexualidade, de modo a torná-los desumanizados e abjetos socialmente. Ainda sob essa ótica, podemos afirmar que essa norma, apregoada nos ensinamentos religiosos relatados, interfere diretamente na construção das subjetividades, posicionando as existências dissidentes como desviantes, odiosas ou invisíveis (Rich, 2012).

Resistências

Para Foucault (2004), as resistências referem-se às estratégias e às táticas que os sujeitos desenvolvem para escapar ou resistir aos efeitos do poder. Foram identificados nos relatos três movimentos referidos nos subtemas: 1) rompimento com a igreja; 2) rede de apoio alternativa; e 3) outros universos.

1) Rompimento com a igreja

Decidi que precisava sair da Igreja senão eu ia fazer alguma coisa, eu ia morrer (Lucas). / Eles estavam se metendo muito na minha vida e eu decidi sair (Anieli). / Não conseguia ser duas coisas, para assumir minha relação precisava sair (Carol).

2) Rede de apoio alternativa

Eu encontrei mais amor fora da igreja do que dentro (...) eu chegava na igreja e me sentia excluída, agora quando estou em um lugar com pessoas LGBT eu sou abraçada (Letícia).

3) Outros universos

A saída da Igreja e a entrada na faculdade foi marcante pra mim. Na faculdade, estudando, eu percebi que eu podia sim ser lésbica (Letícia). / Eu sabia que as coisas que eles diziam sobre gays não era verdade. Sempre tive amigos que eram e sabia que eles não eram aqueles monstros que eles faziam ser (Anieli).

Para Ferreira (2017), as resistências não são o inverso do poder, mas uma constante negociação da realidade social. As resistências podem se manifestar através de movimentos sociais, práticas contra hegemonias, desobediências e subversões,

representando a possibilidade de recriar a subjetividade em relação ao poder. Em diferentes momentos, e de maneiras distintas, todos/as os/as colaboradores/as relataram movimentos de resistências.

O rompimento com a igreja aparece primeiramente nas narrativas de Anieli, Carol, Juliana, Vinícius e Lúcia, que não isolaram suas relações no círculo social estabelecido pela instituição e referiram maiores questionamentos acerca dos ensinamentos religiosos. Após compreenderem melhor suas orientações sexuais, despenderam menores investimentos em tentativas de “cura” individuais, ainda que tenham vivido tentativas institucionais e familiares contrárias às suas vontades. Já Lucas, Suellen e Letícia relataram menores questionamentos acerca dos ensinamentos religiosos e isolaram suas relações sociais em relações heteronormativas ou estabelecidas no interior das instituições religiosas. Essa “obediência” específica pode ter limitado ainda mais seus universos de subjetivação, delimitando construções de si mais violentas. No entanto, e ainda assim, eles acabaram por romper com a instituição religiosa em movimentos de resistência.

Silva et al. (2008) demonstraram que os ensinamentos religiosos podem ser intimamente absorvidos pelos fiéis pentecostais e neopentecostais. Nos processos de resistências relatados, o rompimento com as instituições religiosas que frequentavam também demarcou a inserção destes/as colaboradores/as em outros universos sociais (e.g. faculdade, trabalho, amizades). A ampliação desta rede de contato possibilitou a aproximação com modos de subjetivação mais diversificados, capazes de fornecer maior aceitação e acolhimento. Desse modo, o rompimento com as instituições religiosas funcionou como uma tática de sobrevivência, agindo na busca por ambientes mais acolhedores e inclusivos.

Experimentar outros universos capazes de fornecer aceitação e acolhimento é de suma importância nas experiências de lésbicas, gays e bissexuais, tendo em vista que diferentes espaços públicos e privados podem funcionar como dispositivos de apagamentos, interditos e violências contra quem foge à lógica cisheteronormativa (Cantelli, 2016; Tagliamento et al., 2020). As interpretações conservadoras do código moral e doutrinário cristão exerceram um efeito poderoso nos relatos compartilhados, culminando em sofrimentos e intensificando vulnerabilidades na saúde mental (Natividade & Oliveira, 2013; Silva & Menandro, 2016, Souza & Souza, 2020).

Nessa mesma perspectiva, habitar novos universos e construir redes de apoio pode potencializar efeitos positivos na saúde mental, produzindo vias de suporte capazes de amortecer os danos das experiências de “cura gay” religiosa. A rede de apoio encontrada nas instituições foi descrita como condicional às heterossexualidades e foi fortemente fragilizada conforme os/as colaboradores/as aproximavam-se de suas orientações sexuais e expressões subjetivas no mundo. Duarte e Oliveira (2021) demonstram como o isolamento social de redes de apoio pode agravar condições preexistentes de saúde mental, como a solidão, a depressão, a ansiedade e a ideação suicida.

Efeitos na Saúde Mental

Passar pela experiência da “cura gay” religiosa se demonstrou um processo de vulnerabilidade para os danos à saúde mental dos/das colaboradores/as. Os efeitos relatados deram origem aos subtemas 1) autoconceito; 2) emocionais; e 3) perspectivas de futuro.

1) Autoconceito

Eu acreditava que eu era filha de satanás, uma aberração (Carol). / Eu achava que eu era a pior pessoa do mundo. Se precisassem de uma pessoa ruim pra um sacrifício, essa pessoa seria eu (Letícia). / Eu sempre me achava esquisita (...) quando olho pra trás o motivo é a religião. Não vejo outra coisa (Anieli).

2) Emocionais

Eu sentia muita vergonha, não falava pra ninguém o que eu sentia (Carol). / Eu vivia nesse eterno confessar, pedir perdão e me sentir culpado (Lucas). / O medo de morrer, o medo de ir pro inferno era gigante e eu chorava (Suellen). / Então eu estava ali vulnerável e eles estavam vindo com tudo (...) foi quando eu me esgotei. Se eu não sair daqui eu vou morrer, eu vou me matar (Lucas). / E isso muda o sentido de se matar. Porque talvez eu já pensei em me matar antes, mas não fazia por causa da igreja. Agora, isso seria possível (Anieli).

3) Perspectivas de futuro

Eu tinha que lutar para sempre, era meu espinho na carne, ia estar sempre ali comigo (Lucas). / Deus não perdoa o suicídio e a homossexualidade... acho que nunca vou ganhar o perdão (Letícia). / Estava preso no pensamento de que estava fadado ao inferno, a tudo de ruim (Lucas). / Se agora eu iria ser uma condenada, eu não queria mais viver (Anieli).

Nos dias atuais, a religião ainda se firma como instância reguladora de valores, difundindo um ideário de certo e/ou errado, que acaba atuando como meio de controle social (Meneses & Santos, 2013). Mesmo para jovens heterossexuais de pastorais evangélicas, há significativa influência no comando da iniciação sexual. Igrejas pentecostais e neopentecostais acabam criando um espaço em que sexo e sexualidade são encarados como tabu, valorizando a heterossexualidade, a virgindade e o sexo pós-casamento, com impactos no comportamento sexual e reprodutivo (Verona & Regnerus, 2014).

As verdades absorvidas pelos/as colaboradores/as geraram efeitos negativos em seu autoconceito, apresentando perspectivas de autodesvalorização e percepção de si como “aberração” ou pessoas “ruins”. Cerqueira-Santos et al. (2017) demonstraram que altos níveis de religiosidade possuem correlação com a presença de altos níveis de LGBTfobia

internalizada. As repercussões dos ensinamentos religiosos e das tentativas de “cura” mostraram-se bastante danosas na construção identitária e produziram vulnerabilidades em saúde mental, conforme corroboram os estudos de Alves e Assunção (2022).

Percebeu-se que a vivência de condutas reprovadas pela igreja desencadeou sentimentos de culpa, ansiedade, tristeza, medo e vergonha de si, o que impulsionou a busca pela chamada “cura gay” religiosa, conforme identificado nos relatos de Carol, Lucas, Suellen e Anielli. É importante pontuar que tais experiências emocionais negativas resultam da discriminação vivida por eles no ambiente religioso e a recorrência dos relatos de tensão ocorreram independente das trajetórias individuais. Nesse sentido, Ceccarelli (2008) refere que o sofrimento por ser lésbica, gay ou bissexual advém mais do preconceito do que da orientação sexual em si.

Além das emoções descritas que revelam intenso sofrimento psíquico, houve o relato da presença de ideações suicidas. Assim como nos estudos de Souza e Souza (2020), Gibbs e Goldbach (2015) e Rosa e Esperandio (2022), encontramos influência significativa da religiosidade e do estigma fomentado pela igreja no sofrimento mental de lésbicas, gays e bissexuais, aumentando, inclusive, a chance de ideação suicida.

Os/as colaboradores/as também referiram uma visão de futuro negativa, em que, segundo o pentecostalismo e neopentecostalismo, por serem “acometidos” de forças malignas, estariam fadados ao sofrimento, como cita Anielli e é pontuado no estudo de Fátima (2018). Seus futuros estariam reservados a lutas entre as suas orientações sexuais e as prescrições heteronormativas religiosas, em um eterno ciclo de pecar, culpar-se e pedir perdão.

Pensamos, como propõe Zanello (2018), em uma perspectiva de saúde mental estruturada por meio de dispositivos que compõem a sociedade. Não basta apontar que lésbicas, gays e bissexuais, que tiveram experiências em um ambiente religioso contrário à sua orientação sexual, estão mais suscetíveis ao sofrimento psíquico e às ideações suicidas, mas também denunciar, revelar e descrever as estruturas de significação por trás desses efeitos.

Assim, ao perpetuar estereótipos e preconceitos em relação às homossexualidades, instituições religiosas podem contribuir para o sofrimento psíquico de lésbicas, gays e bissexuais. A religiosidade, por vezes, pode se apresentar como fator de proteção psicológica e social na vida das pessoas (Dahl & Galliher, 2012). Contudo, nas experiências compartilhadas, essa lógica segue de maneira inversa, e o autoconceito, as emoções e as perspectivas de futuro dos/as colaboradores/as foram engendradas por uma heterossexualidade compulsória incutida de tensão e sofrimento.

Considerações Finais

O fenômeno da “cura gay” religiosa, a partir da experiência dos/das colaboradores/as, apresentou-se a partir de construção de verdades para o controle dos corpos. Essas “verdades” eram camufladas em ensinamentos religiosos que pautaram as homossexualidades, bissexualidades e lesbianidades enquanto pecado, imoralidade, possessão demoníaca e patologia. Era necessário converter-se à religião e submeter-se às suas normas, dedicando tempo, relações e condutas consonantes ao estabelecido para alcançar a “cura”.

Encontrou-se, ainda, a descrição de estruturas institucionais que fazem circular esses ensinamentos e relações de poder entre os fiéis e os líderes religiosos, capazes de produzir sexualidades e subjetividades, caminhando a favor de uma heterossexualidade compulsória, a partir da qual os/as colaboradores/as subjetivaram-se em suas experiências e em seus processos de construção de si. As tentativas de “cura” ocorreram em processos de assujeitamentos, mas também a partir de violência física e simbólica nos ritos executados.

Nos processos de resistência, a construção de uma rede de apoio alternativa ao espaço da igreja, a inserção em outros universos sociais e o rompimento com a instituição religiosa foram marcadores positivos na experiência com as próprias orientações sexuais. Ainda assim, ter vivido experiência de “cura” gerou efeitos negativos na saúde mental, ensejando sofrimento e causando danos no autoconceito, nas emoções e nas perspectivas de futuro.

Este estudo foi limitado no que se refere ao número de participantes e é importante que novos estudos busquem compreender sobre esse fenômeno atrelado a uma instituição religiosa em expansão no país. Trata-se de um estudo qualitativo em que não é possível realizar generalizações. Contudo, ainda que cada experiência seja única e inscrita em realidades específicas, pode apresentar mostras do que acontece no campo como um todo.

Não é objetivo deste trabalho tecer julgamentos morais acerca de perspectivas teológicas das vertentes religiosas evangélicas pentecostais e neopentecostais, mas colocar em xeque os efeitos de seus ensinamentos e práticas sobre a sexualidade humana nas histórias de lésbicas, gays e bissexuais no Norte do Brasil. Buscamos elucidar a importância de refletir os diferentes saberes que produzem sexualidades em nosso contexto histórico, sobretudo, ao pensar o sofrimento psíquico de lésbicas, gays e bissexuais.

Objetivamos, ainda, contribuir para implicações acadêmicas e práticas na psicologia que estejam comprometidas ético-politicamente com a diversidade sexual e de gênero, tanto no que se refere à clínica, quanto na criação e efetivação de políticas públicas, bem como no incentivo a espaços de discussão que, desde a formação, privilegiem debates e possibilidades de atuação diante das existências dissidentes. Desse modo, pensamos ser este um caminho possível para

a instrumentalização de fazeres que acolham e validem as diversidades, conforme situam as próprias normativas do CFP (2023), rompendo com a lógica histórica de marginalização, discriminação e patologização das pessoas LGBTI+.

Referências

- Almeida, T. B. (2021). História do pentecostalismo brasileiro: Origem, crescimento e expansão. *Revista de Estudos Pentecostais Assembleianos*, 8, 1-24. <https://repas.emnuvens.com.br/revista/article/view/53>
- Alves, A., & Assunção, M. (2022). Em nome de que deus? Servidão psicológica, discurso pastoral e terapias de conversão. *Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas*, 6(12), 193-212.
- Balloussier, A. V. (2020, 13 de janeiro). Cara típica do evangélico brasileiro é feminina e negra, aponta Datafolha. *Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/01/cara-tipica-do-evangelico-brasileiro-e-feminina-e-negra-aponta-datafolha.shtml>
- Barros, J. R., II. (2020). *Poder pastoral e cuidado de si em Foucault*. EDUNILA.
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research*, 3(2), 77-101. <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Butler, J. (1990). *Gender trouble: Feminism and the subversion of identity*. Feminist Review.
- Campos, L. S., & Guerra, V. M. (2016). O ajustamento familiar: Associações entre o apoio social familiar e o bem-estar de homossexuais. *Psicologia Revista*, 25(1), 33–57. <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/29609>
- Cantelli, A. L. (2016). Travestilidade e transexualidade no ensino superior: Deslocamentos e tensões produzidas pelas resoluções do nome social. In A. L. Cantelli, & S. N. B. Nogueira (Org.), *Nome social: A ponta do iceberg* (pp. 14-18). Instituto Brasileiro Trans de Educação.
- Casarões, G. (2020). Religião e poder: a ascensão de um projeto de nação evangélica no Brasil. *Revista Interesse Nacional*, 13(49), 9-16.
- Ceccarelli, P. R. (2008). A invenção da homossexualidade. *Bagoas - Estudos Gays: Gênero e Sexualidade*, 2(2), 71–93. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2268>
- Cerqueira-Santos, E., Carvalho, C. A. S., Nunes, L. M., & Silveira, A. P. (2017). Homofobia internalizada e religiosidade entre casais homoafetivos. *Temas em Psicologia*, 25(2), 691-702. <https://doi.org/10.9788/TP2017.2-15>
- Conselho Federal de Psicologia. (2023). *Referências técnicas para atuação de psicólogas, psicólogos e psicólogues em políticas públicas para população LGBTQIA+*. <https://site.cfp.org.br/publicacao/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas-psicologos-e-psicologues-em-politicas-publicas-para-populacao-lgbtqia/>
- Costa, M. J. A. (2007). Uma analítica do poder pastoral – A emergência das disciplinas em Michel Foucault. *Mnemosine*, 3(1), 80-110. <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/mnemosine/article/view/41306>
- Costa, A. E. O., Silva, D. M. V., & Lima, J. I. L., Jr. (2018). Reorientação sexual: Compromisso científico ou subterfúgio para cura gay? *Gep News*, 2(2), 198-203. <https://periodicos.ufal.br/gepnews/article/view/5272>
- Costa, M. C. C. (2021). Implantação e avanço do pentecostalismo na amazônia maranhense: As assembleias de Deus em imperatriz e na região sul do Maranhão (1952-1984). *Estudos Teológicos*, 61(1), 110-125. <https://revistas.est.edu.br/index.php/ET/article/view/772>
- Cunha, M. N. (2008). “A serviço do rei”. Uma análise dos discursos cristãos midiaticizados. *Revista de Estudos da Religião*, 8, 46-68. <https://remici.com.br/index.php/revista/article/view/393>

- Dahl, A., & Galliher, R. V. (2012). The interplay of sexual and religious identity development in LGBTQ adolescents and young adults: A qualitative inquiry. *Identity: An International Journal of Theory and Research*, 12(3), 217–246. <https://psycnet.apa.org/record/2012-18216-002>
- Dias, T. B. (2019). “Do púlpito ao palanque”: O argumento da liberdade religiosa e a cura gay em perspectivas evangélicas conservadoras. *Religare: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB*, 16(1), 117-139. <https://exaly.com/article/117307574/>
- Duarte, M. J., & Oliveira, D. F. S. (2021). LGBTQI+, vidas precárias e necropolítica em tempos da Covid-19: A interseccionalidade e a teoria queer em cena. *Revista em Pauta: Teoria Social e Realidade Contemporânea*, 19(48), 153-168. <https://doi.org/10.12957/rep.2021.60303>
- Fátima, W. S. (2018). *As sexualidades mal ditas no discurso religioso neopentecostal* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense]. Repositório Institucional da UFF. <https://app.uff.br/riuff/handle/1/7182>
- Ferreira, J. L., Neto. (2017). A analítica da subjetivação em Michel Foucault. *Revista Polis e Psique*, 7(3), 7-25. https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2238-152X2017000300002
- Foucault, M. (1987). *Vigiar e punir: Nascimento da prisão*. Vozes.
- Foucault, M. (1999). *Microfísica do poder*. Graal.
- Foucault, M. (2004). Ética, sexualidade, política - *Ditos e escritos* (Vol. 5, pp. 264-284). Forense Universitária.
- Foucault, M. (2012). *A arqueologia do saber*. Forense Universitária.
- Foucault, M. (2014). *História da Sexualidade: A vontade de saber* (Vol. 1). Paz e Terra.
- Frazão, P., & Rosário, R. (2008). O coming out de gays e lésbicas e as relações familiares. *Análise Psicológica*, 26(1), 25–45. <https://scielo.pt/pdf/aps/v26n1/v26n1a03.pdf>
- Gama, M. C. B. (2019). Cura gay? Debates parlamentares sobre a (des) patologização da homossexualidade. *Sexualidad, Salud y Sociedad*, (31), 4-27. <https://doi.org/10.1590/1984-6487.sess.2019.31.02.a>
- Garcia, M. R. V., & Mattos, A. R. (2019). “Terapias de conversão”: Histórico da (des) patologização das homossexualidades e embates jurídicos contemporâneos. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 39(3), 49-61. <https://doi.org/10.1590/1982-3703003228550>
- Gibbs, J. J., & Goldbach, J. (2015). Religious conflict, sexual identity, and suicidal behaviors among LGBT young adults. *Archives of Suicide Research*, 19(4), 472–488. <https://doi.org/10.1080/13811118.2015.1004476>
- Gonçalves, A. O. (2019). Religião, política e direitos sexuais: Controvérsias públicas em torno da “cura gay”. *Religião & Sociedade*, 39(2), 175-199. <https://doi.org/10.1590/0100-85872019v39n2cap07>
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2022). *Censo demográfico 2022: Panorama*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/aceso-a-informacao/ferramentas-e-aspectos-tecnologicos/panorama-do-censo-2022>
- Kahhale, E. M. (2011). Histórico do Sistema de Conselhos de Psicologia e a interface com as questões LGBT. In Conselho Regional de Psicologia 6a Região - CRP6 (Org.), *Psicologia e diversidade sexual* (pp. 20-24). CRPSP. <https://unisaesiano.com.br/lins/wp-content/uploads/2021/08/CRP-SP-PSICOLOGIA-E-DIVERSIDADE-SEXUAL.pdf>
- Macedo, C. M. R. (2017). *A “clínica pastoral” dos psicólogos cristãos no Brasil* [Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro]. Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da UERJ. <https://www.bdtd.uerj.br:8443/handle/1/4385>

- Machado, M. D. C., & Piccolo, F. D. (2010). *Religiões e homossexualidades*. Editora FGV.
- Mariano, R. (2004). Expansão pentecostal no Brasil: O caso da igreja universal. *Estudos Avançados*, 18(52), 121-138. <https://doi.org/10.1590/S0103-40142004000300010>
- Meneses, A. F. S., & Santos, E. C. (2013). Sexo e religião: Um estudo entre jovens evangélicos sobre o sexo antes do casamento. *Clínica e Cultura*, 2(1), 82-94. <https://periodicos.ufs.br/clinicaecultura/article/view/1541>
- Mesquita, D. T., & Perucchi, J. (2016). Não apenas em nome de Deus: Discursos religiosos sobre homossexualidade. *Psicologia & Sociedade*, 28(1), 105-114. <https://doi.org/10.1590/1807-03102015v28n1p105>
- Minayo, M. C. S. (2010). *O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde* (12a ed., pp. 261- 297). Hucitec.
- Minayo, M. C. S., & Guerriero, I. C. Z. (2014). Reflexividade como éthos da pesquisa qualitativa. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(4), 1103–1112. <https://doi.org/10.1590/1413-81232014194.18912013>
- Minayo, M. C. S. (2017). Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: Consensos e controvérsias. *Revista Pesquisa Qualitativa*, 5(7), 1–12. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/82>
- Natividade, M. (2006). Homossexualidade, gênero e cura em perspectivas pastorais evangélicas. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 21(61), 115-132. <https://doi.org/10.1590/S0102-69092006000200006>
- Natividade, M., & Oliveira, L. (2013). *As novas guerras sexuais: Diferença, poder religioso e identidades LGBT no Brasil*. Garamond.
- Portella, R. (2007). Discurso religioso, legitimidade e poder: Algumas considerações a partir de Bourdieu, Foucault e Heller. *Revista Fragmentos de Cultura*, 16(78), 567-576. <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/fragmentos/article/view/46>
- Projeto de Decreto Legislativo nº 234, de 2 de junho de 2011. (2011, 2 de junho). Susta a aplicação do parágrafo único do art. 3º e o art. 4º, da Resolução do Conselho Federal de Psicologia nº 1/99 de 23 de Março de 1999, que estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Câmara dos Deputados. <https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=505415>
- Resolução CFP nº 1, de 22 de março de 1999. (1999, 22 de março). Estabelece normas de atuação para os psicólogos em relação à questão da orientação sexual. Conselho Federal de Psicologia. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf
- Rich, A. (2012). Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades*, 4(5), 1-28. <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>
- Rosa, Z. T. S., & Esperandio, M. R. G. (2022). O papel da espiritualidade/religiosidade na saúde mental de minorias sexuais: revisão integrativa da literatura. *Estudos de Religião*, 36(2), 23-51. <https://doi.org/10.15603/2176-0985/er.v36n2p23-51>
- Silva, C. G., Santos, A. O., & Licciardi, D. C. (2008). Religiosidade, juventude e sexualidade: Entre a autonomia e a rigidez. *Psicologia em Estudo*, 13(4), 683-692. <https://www.scielo.br/j/pe/a/qLHLpmHbpmGzkKVX5Xjv8BL/abstract/?lang=pt>
- Silva, O., & Menandro, M. C. S. (2016, 19 a 21 de julho). *Lavado e remido pelo sangue do cordeiro”: Fundamentalismo cristão e a ideologia ex-gay pela ótica da Psicologia*. [Apresentação de trabalho]. 4º Seminário de Educação e Sexualidades e 2º Encontro Internacional de Estudos De Gênero, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.
- Souza, M. C. N., & Souza, M. L. (2020). “A igreja católica te condena. A igreja evangélica te condena”: O discurso religioso judaico-cristão afetando a construção da identidade lésbica. *Revista PINDORAMA*, 11(1), 9–23. <https://doi.org/10.55847/pindorama.v11i1.817>

- Tagliamento, G., Silva, S. S. C., Marques, G. S., Hasson, R., & Santos, G. E. (2020). Minha dor vem de você: Uma análise das consequências da LGBTfobia na saúde mental de pessoas LGBTs. *Cadernos de Gênero e Diversidade*, 6(3), 77-112. <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i3.34558>
- Valério, M. E. (2004). Foucault pensando a religião. *Mneme - Revista de Humanidades*, 5(10), 230-242. <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/209>
- Verona, A. P. A., & Regnerus, M. (2014). Pentecostalismo e iniciação sexual pré-marital no Brasil. *Revista Brasileira de Estudos de População*, 31(1), 99–115. <https://doi.org/10.1590/S0102-30982014000100006>
- Zanello, V. (2018). *Saúde Mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Appris.

Como Citar:

Nabero, A. P. P., Dantas R. B., Filho, Pereira, M. E. D., Ferreira, B. O. (2025). “Cura” pentecostal e neopentecostal: Experiências de lésbicas, gays e bissexuais no norte do Brasil. *Revista Subjetividades*, 25(2), e15006. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v25i2.e15006>

Endereço para correspondência

Ana Paula Pereira Nabero
E-mail: psi.anapaulanabero@gmail.com

Ronaldo Braga Dantas Filho
E-mail: ronaldobragadantas@gmail.com

Maria Eduarda Delduque Pereira
E-mail: eduarda.delduque@ufam.edu.br

Breno de Oliveira Ferreira
E-mail: breno@ufam.edu.br



Recebido: 26/02/2024

Aceito: 27/07/2025